



# Biograph



---

## MEMÓRIAS DA INFÂNCIA DE MIGRANTES DE SINOP-MT (1973-1979) NA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS

Josiane Brolo Rohden/UFMT

[josib\\_rohden@hotmail.com](mailto:josib_rohden@hotmail.com)

Helen Arantes Martins/UNEMAT

[aranteshelen@hotmail.com](mailto:aranteshelen@hotmail.com)

### REFLEXÕES INICIAIS

*Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão –  
Antes que das coisas celestiais.*

Manoel de Barros

“Era tudo mato!” Nos diz um migrante em seu depoimento, lembrando de sua infância. Infância esta, que por ser vivida ‘no mato’, como nos fala o poeta Manoel de Barros, se ‘aprendia a gostar das coisinhas do chão’, antes mesmo de conhecer qualquer possibilidade celestial.

E, é no contexto de uma cidade que surgia em meio à mata, à floresta, aos rios, que este trabalho elege como *locus*, para conhecer, discutir, refletir sobre as memórias de infância de migrantes de Sinop, durante o processo de colonização (1973-1979), no ensejo de direcionar um olhar para a História da Infância, concebendo as crianças como coautoras da história, participantes ativas na construção da cultura em conjunto com os adultos e entre seus pares, de forma a possibilitar a visibilidade social da criança na história e seu papel na sociedade passada em estudo.

A cidade de Sinop, localizada na região Norte de Mato Grosso, é fruto de um processo de ocupação da Amazônia do final do século XX, iniciada pelo projeto Marcha para Oeste<sup>1</sup>, que visava ocupar e desenvolver o interior do país, sob o lema de ‘ocupar os espaços vazios’ para agregar tais espaços à economia nacional.

Trata-se de uma cidade originária de uma colonização privada, liderada pela empresa que deu origem ao nome da cidade: Colonizadora Sinop S/A – Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná. A Empresa citada, beneficiada pelos incentivos fiscais pela parceria do Estado Federal, responsável por toda infraestrutura necessária e pelas políticas e órgãos criados para acelerar o processo de colonização, adquire uma extensa área de terra denominada posteriormente de Gleba Celeste<sup>2</sup>, onde seria então, iniciado um novo projeto de colonização, entre eles a cidade de Sinop.



Vista aérea de Sinop, 1974.  
Fonte: Museu Histórico de Sinop, 2011.

---

<sup>1</sup> A Marcha para Oeste foi uma política do governo de Vargas, nascida em 1943 a qual incentiva as pessoas a migrar para a região central do Brasil, na perspectiva de ocupar os “espaços vazios” do país, garantir a segurança das fronteiras e gerar riquezas.

<sup>2</sup> A extensão de terra adquirida pela empresa colonizadora equivalia a aproximadamente 645.000 hectares. Denominada de Gleba Celeste, onde seria então dado início ao projeto de colonização das cidades de Sinop, Vera, Carmem e Cláudia.

Assim, é nesta imensidão da floresta que meninos e meninas, vindos de outros lugares do país, em especial da região Sul, vivenciaram sua infância, inventavam brinquedos e brincadeiras, acompanhavam seus pais, estudavam, participavam da sociedade que se formava, faziam da natureza o espaço de suas vivências, dela retiravam elementos que se tornavam brinquedos, personagens, enfim, aprenderam a ser como o poeta de nossa pesquisa ‘meninos e meninas do mato’ que:

Por viver muitos anos dentro do mato  
Moda ave,  
O menino pegou um olhar de pássaro -  
Contraíu visão fontana.  
Por forma que ele enxergava as coisas  
Por igual,  
como os pássaros enxergam.

Manoel de Barros (2010)

Deste modo, é sobre as memórias de adultos de hoje, crianças de ontem de Sinop-MT, que este trabalho se debruça, ‘moda ave’, na tentativa de construir similar ‘visão fontana’.

## **1. Memórias, infâncias e ‘despropósitos’<sup>3</sup>**

### **1.1 Narrar memórias da infância**

*Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore.*

Manoel de Barros

Manoel de Barros ao retratar suas memórias da infância, vivendo entre formigas e animais do brejo nos permite entender o quão o falar a partir de ser criança possibilita fazer

---

<sup>3</sup> A palavra despropósitos faz menção à poesia de Manoel de Barros.

‘comunhão’ com as coisas, uma espécie de pertencimento ao mundo, à natureza. A criança que no poeta habitava, mesmo depois de adulto continua viva em seus versos, possivelmente pelo fato destas memórias perpassar o tempo, experiências únicas na vida do ‘menino do mato’.

De acordo com Linhares (2006, p. 49), “A experiência pessoal é a principal realidade, ponto central da narrativa” da poesia de Manoel de Barros. Esta similaridade de uma infância que se volta para a experiência pessoal, autobiográfica, de uma infância marcada pela comunhão com as coisas, simples, livre e sem comparamentos, está também presente nas vozes até então ouvidas por esta pesquisa de migrantes que vivenciaram sua infância onde a rua onde brincavam, o rio onde nadavam, as florestas por onde andavam e mesmo o “quintal de casa era maior que o mundo” (Cf. BARROS, 2010).

Desta forma, pensar um campo tão complexo como o trabalho com Memórias, é se dispor a adentrar em caminhos de pesquisa repletos de vilelas e labirintos, para capturar fragmentos do passado quais foram vivenciados de maneira singular por cada sujeito, de modo a considerar a memória enquanto experiência humana e um artefato histórico.

Walter Benjamin, um dos teóricos desta pesquisa, não demonstra metodologicamente o que vem a ser a memória, como também não deixa em seus escritos que deseja dominar tal conceito, a memória em Benjamin é sempre a retomada das sensações causadas pela vida ou da relação com a natureza, “daquilo que chama atenção do ser desde os primórdios das descobertas infantis, até cenas cotidianas da vida adulta, eventos da vida que associam a existência individual com o universo em torno do homem” (Cf. DUTRA, 2002, p. 03).

Em relação à história e a experiência narrativa para Benjamin pode-se entender que a história é um conjunto de diversas temporalidades, no qual presente e passado não se sobrepõe um ao outro. O que tem sentido e duração no tempo histórico, para o filósofo, não é linear. Para o autor, na captação do tempo o que importa é a intensidade e não sua cronologia contínua e classificada. “A experiência e a narrativa conferem expressividade à história; juntas, permitem-nos compreender os processos culturais e educacionais, em seus impasses e contrastes, pelos quais somos tocados e de onde saímos transformados” (ALVES, SILVA, et al. 2015, p. 3).

Na perspectiva Benjaminiana, o passado, em um adulto, prepara seu presente na medida em que amplia fronteiras, pois não importa ao narrador aquilo que se viveu, mas

o que confere significado a essa lembrança. Deste modo, passado é fonte e fenômeno de formação e transformação do sujeito. Passado e presente coexistem, não se separam e são dimensões ativas, incompletas e repetidas entre si na cultura contemporânea por ele percebida e criticada (Cf. ALVES, SILVA, et al. 2015).

Contudo, as experiências narradas são sempre algo que perpassa o tempo, configurando um significado íntimo e singular em cada sujeito. A narração para Benjamin, é uma experiência existencial do homem dentro de uma tradição que parte da memória, em que a narração oral é fundamental para a troca de experiências.

Da relação entre narrador e ouvinte existe o interesse em conservar o que foi narrado. Para Benjamin, a matéria do narrador é a vida humana. A riqueza presente na narração oral não está apenas na voz de quem narra, mas na paciência de quem ouve. A habilidade de ouvir é parte do grupo dos ouvintes. Portanto, a narrativa clama a reminiscência, e, se torna um chamado ao diálogo.

Benjamin em seus textos sobre a infância traz a imagem da criança como uma especialista em brincar com as sobras e os restos do mundo adulto ao dizer que elas se sentem:

[...] irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande (BENJAMIN, 2002, p. 104).

Esta dimensão criadora, colocada por Benjamin, também está presente na vida das crianças do tempo de infância, sujeitos desta pesquisa, uma vez, que naquele tempo-espaco histórico, a natureza fornecia os instrumentos para fabricar brinquedos, para inventar brincadeiras, criar personagens. Eram de restos, de pedaços de pau, latas, que as crianças em tal momento e contexto se utilizavam, e, não faziam apenas como mera imitação do mundo adulto, mas recriavam, inventavam, e, desta forma produziam cultura (Cf. CORSARO, 2012).

Conforme depoimentos, é possível perceber as marcas da criação, da invenção :

[...] eu ainda sinto aquele cheiro de pó de cerra verde, que me lembra na hora a serraria do meu pai, me passa um flash. Quando sinto o cheiro do pó de cerra, me lembro na hora da minha infância: o cheiro do pó de cerra, ficou marcado na memória. E, o que eu lembro é que nós não tínhamos vídeo game, não tinha televisão, não tinha boneca que chorava, não tinha nada eletrônico. Então, os nossos brinquedos, eram tudo nós que criávamos (Depoimento Migrante 1, 2011).

Mais adiante, a entrevistada reforça:

[...] no começo, nós tínhamos os brinquedos trazidos do Paraná, mas com o tempo estes brinquedos foram estragando, ficando velhos, então nós inventávamos: pegávamos toquinhos da serraria, montava casinha, cidadezinha, eu gostava de brincar de carrinho feito por mim mesma, de subir lá no alto dos montes de pó de cerra. (Depoimento Migrante 1, 2011).

Estes trechos das narrativas construídas trazem indícios das memórias da infância, dos ‘cheiros’, dos sentidos, do modo ‘inventado’ de como acontecia o brincar, os brinquedos as brincadeiras, utilizando-se dos espaços que tinham, da natureza, do viver entre as ‘coisinhas do chão’, como diria o poeta.

Diante do exposto, as memórias nos apresentam vestígios de criação, da imaginação da infância, onde tudo era fabricado pelas próprias crianças, quais vivenciaram uma infância num lugar onde era preciso fazer e refazer o cotidiano a partir de suas necessidades, ou ainda, a partir das *bricolagens*, *astúcias humanas* de produzir e recriar modos de ser criança. Certeau (1998) nos alerta que, a partir da inventividade criadora que não apenas imagina, mas que ao imaginar, ao inventar, produzem artes *de fazer* que “constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 1998, p. 41).

Finalmente, são com os versos de Manoel de Barros que avigoramos esta seção, em relação a narrar memórias da infância, no ensejo de fomentar a tese da importância de se olhar para a criança ao longo do tempo como produtora de cultura, de história, de conhecimentos, de sentidos:

O meu conhecimento vem da infância. É a percepção do ser quando nasce. O primeiro olhar, o primeiro gesto, o primeiro tocar, o cheiro,

enfim. Todo esse primeiro conhecimento é o mais importante do ser humano. Pois é o que vem pelos sentidos. Então, esse conhecimento que vem da infância é exatamente aquele que ainda não perdi (BARROS, apud MARTINS et al., 2006, p.32)<sup>4</sup>.

## 1.2. Infâncias dos meninos e meninas do ‘mato’

*Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.*

Manoel de Barros

Os versos de Manoel nos possibilita pensar a própria criança que fomos. Permite-nos olhar para dentro de nós e procurar a criança que fomos em algum lugar de nossas histórias. Seus versos nos traz a memória de um universo infantil simples, porém grandioso, onde é possível vislumbrar que algo pequeno, cotidiano, tem mais valor do que riquezas materiais do mundo adulto: “*Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores*”.

Entretanto, esta originalidade da criança, esta capacidade de encantar-se com o mundo ao seu redor, de ‘fazer comunhão com as coisas’, como dizia o poeta, esta habilidade de perceber o pequeno como algo nobre, assim como a criança de direitos, a criança-sujeito de uma sociedade, com vontades, conhecimentos, foi por muito tempo desconsiderada, se direcionarmos um olhar para a história da infância.

A criança ao longo da história era percebida apenas como um *infante*<sup>5</sup>, um adulto em miniatura, alguém que simplesmente devia vir a ser preparado para o futuro, para tornar-se adulto. As crianças sempre estiveram inseridas dentro de uma formação social determinada, de modo a vivenciar de diferentes formas esta fase da vida, de acordo com as

---

<sup>4</sup> Depoimento concedido por Manoel de Barros em entrevista a Martins et al., 2006.

<sup>5</sup> Palavra etimologicamente originária do latim, significa ausência de fala, e ainda dependência.

diferentes significações à elas destinadas. Pode-se dizer que o sentido atribuído à criança é ainda produzido pelo adulto, pela representação que o mesmo faz da infância diante de suas relações na sociedade. Nesta ótica, Kuhlmann e Fernandes explicam que: “A história da infância seria então a história da relação da sociedade, da cultura, dos adultos, com essa classe de idade, e a história das crianças entre si e com os adultos, com a cultura e com a sociedade” (KUHLMANN JR. e FERNANDES, 2004, p.15).

No entanto, a sociedade se esquece (talvez por algum interesse próprio), de que a criança possui suas particularidades, de que o que ela (a criança) realmente mais deseja é ser “criança”, demasiadamente criança, com seus próprios anseios e aspirações, diferentes das dos adultos, mas, que nem por isso ela deixa de ser um sujeito histórico, cultural, social.

Assim, considerando o dito por Kramer: “Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas” (BRASIL, 2006, p.14) e, analisando a História da Infância no tempo-espaço pesquisado, é possível compreender que as crianças, tiveram um relevante papel sociocultural naquele momento em que a cidade *locus* da pesquisa, se constituía, entretanto, tal história não é apresentada, dificultando a visibilidade da criança no passado de tal sociedade em análise.

Contudo, faz-se importante enfatizar que a investigação aqui apresentada, é uma representação da infância de tal contexto histórico, uma vez que as narrativas históricas foram construídas por adultos que narram suas memórias de infância. ‘O passado é um morto’, como diria Certeau (1982), ou seja, impossível de recuperá-lo, e, deste modo, o papel do historiador é unir fontes, vestígios, pistas, que possam construir uma ‘versão’ da história.

Na perspectiva de Michel de Certeau (1982), a terminologia de história sugere uma à proximidade entre o científico e a realidade analisada. Dito pelo mesmo autor: “[...] aquele que faz história, hoje, parece ter perdido o meio de apreender uma afirmação de sentido como um objeto de seu trabalho, para encontrar essa afirmação no próprio modo de sua atividade. Aquilo que desaparece do produto aparece na sua produção”. (CERTEAU, 1982, p.34).

Seguindo as pistas deixadas por Certeau (1982), a história se insere em um campo de conhecimento que se alimenta de vestígios, sentidos, escritas documentais, riscos,



lugares, relatos entre vários outros esboços para a construção da ‘escrita da história’, ou seja, uma versão construída dela.

Deste modo, como sugere Pesavento (1995, p. 117):

A clássica maneira de ser da história – construção de um saber como estatuto de ciência e objetivando a verdade – é substituída por outra, na qual as fontes, matéria prima da história, são consideradas como “indiciárias” daquilo que podia ter sido e com as quais o historiador constrói a sua versão. Neste caso, a história, se reveste de uma função de criação, ao selecionar documentos, compor um enredo, desvendar uma intriga, recuperar significados.

Neste sentido, a versão da história que se intenta construir é de uma infância que vivida em um momento onde em meio à floresta, tudo ainda estava por se construir: seja no espaço físico - no caso uma cidade, seja na vida das famílias migrantes, seja na vida das crianças que aos seus modos construíam uma cultura específica: a cultura infantil, qual se faz digna de estudos e análises para que então, tal história seja apresentada à sociedade (Cf. ROHDEN, 2012).

Neste cenário, as crianças participavam socialmente, culturalmente de tal sociedade e, portanto, historicamente elas são merecedoras de ser reconhecidas como atores sociais, culturais, históricos. As crianças além de outras funções como ajudar seus pais, estudar, participar de grupos religiosos, entre outras ações, faziam o que lhes era inerente à infância: ‘brincar’. E, neste brincar, entendido como espaço que também educava, que também formava, é que enfatizamos a produção social e cultural daquelas crianças na história, na temporalidade em estudo.

Como pontua Kramer (2008), trata-se então, de conceber o brincar como processo formativo e educativo, como uma prática da experiência. Experiência, aqui concebida numa visão Benjaminiana, como algo que perpassa o tempo, que escapa do instante único vivido do brincar, tendo em vista que se trata:

[...] de uma prática que produz uma “reflexão sentida” de um coração informado sobre aspectos essenciais da vida, prática compartilhada [...] daquilo que a gente pensa, sente e vive; provoca morte, os afetos e suas dificuldades, os medos, sabores e dissabores; que permite conhecer questões relativas ao mundo social e às tantas e tão diversas lutas por justiça ou o combate à injustiça; que resgata valores desprezados hoje, como generosidade e solidariedade (KRAMER, 2008, p. 101).

Contudo, narrar experiências do brincar na infância dos sujeitos desta pesquisa, é compreender numa perspectiva Benjaminiana que a infância para este autor é concebida como categoria fundamental da história. Nesta ótica, trata-a como sujeito social inserido numa história, pertencente a um grupo social, produtor e produto de sua cultura. Tal perspectiva, nos proporciona refletir sobre a história pela forma como concebemos a infância, desconstruindo-a e atribuindo-lhe identidade própria.

Benjamin em seus escritos sobre a infância apresenta a capacidade da criança em imaginar e traduzir tal imaginação ao brincar, seja fazendo de conta que são fantasmas, reis, fadas, bruxas, animais, objetos materiais, entre tantas outras personagens. Para o autor, a criança ao imitar, reúne e traduz a realidade do mundo adulto para o universo infantil, onde tudo pode ser livremente transformado:

Atrás do cortinado, a própria criança transforma-se em algo ondulante e branco, converte-se em fantasma. A mesa de jantar, debaixo da qual ela se põe de cócoras, a faz transformar-se em ídolo de madeira em um templo onde as pernas talhadas são as quatro colunas. E atrás de uma porta, ela própria é porta, incorporou-a como pesada máscara e, feita um sacerdote-mago, enfeitiçará todas as pessoas que entrarem desprevenidas [...]. (BENJAMIN, 2002, p.107-108).

Tal capacidade inventiva, colocada por Benjamin, também estava presente na vida dos migrantes, enquanto crianças, e, naquele momento e localidade estudado, ainda podiam contar com a natureza, qual fornecia as ferramentas para fabricar brinquedos, para criar brincadeiras, inventar personagens.

Associando esta discussão aos depoimentos, destacamos:

[...] brincávamos de escolinha, tínhamos uma lousa pequenininha, minha irmã era professora, eu era aluna e tinha mais um monte de alunos invisíveis (risos). Aí minha irmã reproduzia muito bem as professoras, ela dizia: Silêeeencio! Ela imitava as professoras (risos) e antes de entrar para a sala de aula fictícia nós tínhamos que formar a fila, igual na escola de verdade, formar fila, tomar distância, ficar em posição de sentido, mas só tinha eu na fila, o resto era tudo invisível! (Migrante 1, 2011).

Tive oportunidade de viver uma infância em meio à natureza, tive toda liberdade de mexer com barro, tomar banho de chuva e de rio, subir em

árvore (risos) a coisa mais fácil era achar uma árvore com cipó, éramos puro o Tarzan mesmo! Passávamos com cipó pelas poças d'água grande, enormes... que agora vejo que não eram assim tão grandes, mas quando crianças, as poças d'água pareciam rios, imaginava maiores ainda. Brincava de pedalar no barro, de pega-pega, de esconde-esconde, de cipó, brincava com qualquer coisa: um cipó virava balanço, a gente que fazia virar (Migrante 2, 2011).

Contextualizando os testemunhos orais com os escritos de Walter Benjamin, pode-se inferir que o filósofo ao recordar de sua própria infância em suas obras, apresenta as brincadeiras como uma forma em que a criança explora o mundo, atribuindo significados próprios.

De acordo com Alves; Silva et. Al. (2015), sobre o que Benjamin quer dizer aos seus leitores, é que quando a criança brinca, ela não tem a intenção de apenas imitar aquilo que produz o mundo dos adultos, mas sim, constituir entre os mais diferentes objetos e percepções do e sobre o cotidiano, e, a partir daquilo que (re) criam em seus brinquedos e brincadeiras, uma nova e singular relação. “É assim que as crianças formam seu próprio mundo das coisas, com um pequeno universo inserido em um maior: imitam e criam, fazem de novo, com novos arranjos e interpretações, a partir daquilo que têm de modelo” (ALVES; SILVA et. al. 2015, p. 54).

Contudo, no universo do brincar, em especial no mundo da criança que brincava, no contexto historicamente em investigação, se aproximavam e misturavam-se os mais diferentes artefatos: madeira, latas, pedrinhas, papel, tecidos, elásticos, plásticos, vidro, madeira, pó de cerra, metais, areia, osso, barro, gravetos. Estes materiais eram “mimetizados e transformados em brinquedos numa relação de entrega, emancipação, contemplação e supremacia em relação ao objeto, resistência à banalização, criação e repetição” (ALVES, SILVA; et. al., 2015, p. 50):

[...] lembro de ter de aprender sob a luz do lampião, acho que foi tudo muito rica minha infância. “Eu adorava pular tábua: quanto mais alto, melhor” [...] , tinha as tábuas especiais para pular e os toquinhos que achávamos nas serrarias, eram restos, mas para a criança era um tesouro! (Migrante 2, 2011).

[...] brincava muito de casinha, apesar de não ter as coisas nós inventávamos, até o fogão com latas e um pedaço de telha lembro que nós cozinávamos, eu tinha uns 10 anos e já sabia fazer comidinha de verdade no fogãozinho que nós fizemos, as mães nem imaginavam que nós brincávamos com fogo! (risos). (Migrante 1, 2011).

Não tinha coisa melhor que pegar um pedaço de elástico das costuras da mãe para brincar de ‘pular elástico’, sem contar o jogo de pedrinhas as “cinco Marias<sup>6</sup>”, tinha competição na rua, na escola, entre nós mesmos para saber quem era o campeão das ‘5 Marias’. (Migrante 3, 2011).

A gente construía brinquedos, fazia bola de meia para arremessar no palhaço, era a criatividade mesmo! Usávamos latas de azeite para jogar *bets*<sup>7</sup>, fazíamos de restos de madeira os tacos. Reunia todas as crianças da rua para jogar *bets* a tarde toda. Era tudo nós que construíamos, que organizávamos os pares, as regras. Não precisava de adulto, a gente se ajeitava sozinhos. (Migrante 4, 2011).

Diante dos depoimentos expostos, corroboramos com Benjamin (2002, p. 92), quando diz que: “Ninguém é mais casto em relação aos materiais do que crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras.” (BENJAMIN, 2002, p.92). E nisto, o contexto histórico pesquisado era propenso, contribuía para as mais diferentes experiências da infância. Experiências estas que precisam ser fomentadas na História da Infância, a fim de demarcar e consolidar o papel histórico, social e cultural das crianças no passado, seja ele num passado recente, seja ele através dos séculos.

---

<sup>6</sup> As cinco-Marias, é um jogo que teve origem em um costume da Grécia antiga: quando queriam consultar os deuses ou tirar a sorte, os homens jogavam ossinhos da pata de carneiro (astrágalos) e observavam como caíam, Com o tempo, os ossinhos foram substituídos por pedrinhas. É um jogo que consiste em jogar as pedrinhas para cima com uma das mãos e juntar outra pedra que está no chão enquanto a outra está no ar. O jogo termina quando o vencedor consegue juntar as cinco pedrinhas.

<sup>7</sup>Bets ou Jogo de Tacos é um esporte que descende do "cricket" britânico. O objetivo principal do jogo é fazer corridas extremamente com a bola lançada pelo jogador adversário, sendo que durante o tempo em que o adversário corre atrás da bola, a dupla que rebateu deve cruzar os bets, no centro do campo, fazendo assim dois pontos cada vez que cruzam os tacos.

## APONTAMENTOS FINAIS

*Ah como é bom a gente ter infância*

Manoel de Barros

A pretensão deste trabalho foi apresentar, discutir, numa perspectiva histórica o quanto a infância também no passado produzia a partir da experiência do brincar, uma cultura que lhe era própria, o quanto as crianças se faziam autoras de suas próprias histórias e da história construída em coletivo, o quanto as crianças que não aparecem nos ‘feitos’ ditos pela História Oficial, eram coautoras de um cotidiano marcado pela invenção e reinvenção, visto que na temporalidade em estudo, a cidade e todos os elementos que a formavam estavam também se constituindo - nascendo em plena floresta amazônica, em início da década de 1970.

No entanto, buscou-se discutir as formas e maneiras de brincar, de criar brinquedos e brincadeiras, a partir do que o espaço em meio à natureza lhes oferecia – tudo, qualquer resto de alguma coisa se tornava um brinquedo nas mãos de uma criança. Como nos versos de Manoel de Barros: “Isto porque a gente foi criado em lugar onde não tinha brinquedo fabricado. Isto porque a gente havia que fabricar os nossos brinquedos: eram boizinhos de osso, bolas de meia, automóveis de lata” (BARROS, 2010).

Contudo, o referido trabalho não teve como intensão apresentar uma dimensão de saudosismo ou uma visão romântica da infância, mas, entrelaçar uma versão da história da infância a partir de memórias do brincar daqueles que vivenciaram tal experiência no contexto histórico pesquisado à uma linguagem menos técnica mas, não menos acadêmica e científica. Ou seja, refletindo numa escrita, que una o ofício do historiador à estética das artes sem abrir mão da *diktat acadêmica*, como diria Paul Ricoeur, dando espaço à multiplicidade de linguagens que estejam de acordo com a renovação historiográfica que vigora nas últimas décadas.

Para tal, considerou-se trabalhar memórias da infância de migrantes de Sinop, em tempos de colonização, associando à poética de Manoel de Barros, na tentativa de considerar que:

A infância na poesia de Manoel de Barros admite um caráter lúdico e inovador. Lúdico, por escrever com a inocência e a felicidade do discurso infantil, por incorporar seu próprio personagem para retratar um tempo de ‘menino’, cuja memória está internalizada no jogo discursivo do poeta e, também inovador por apresentar uma escrita intrigante quando desconstrói termos simples e primitivos para construir o “novo”. Em cada palavra inventada é destacável a “recordação” como volta a um passado, fazendo da poesia lugar da esfera lúdica, remetendo-nos, ainda, a uma complexidade de indagações sobre a memória [...] (ARAÚJO, 2015, p. 02).

Deste modo, fundamentando-nos nas concepções teóricas do filósofo Walter Benjamin (2002), procurou-se levantar questões que versam sobre a infância, o brinquedo, a brincadeira, numa temporalidade passada, enfatizando a criança, como autora de sua própria história, inserida numa história coletiva, munidas de singularidades que lhes eram próprias: a inventividade, a habilidade de maravilhar-se com as ‘coisinhas do chão’<sup>8</sup>, a capacidade de construção e criação do brincar, algo que nunca precisou ser ensinado pelo adulto, o que fazia as crianças constituírem seus próprios mundos, inseridos num mundo maior, como enfatiza Benjamin (2002), em seus escritos sobre a infância, o brinquedo e o brincar.

No entanto, intentou-se ampliar o debate ao que se refere à produção cultural da infância, de forma a compreender que as crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir sua própria cultura, apropriação esta que, segundo Corsaro (2012), é um processo criativo de reprodução interpretativa e, não meramente por uma questão de simples imitação, algo também defendido por Benjamin em seus escritos sobre a infância.

Finalmente, o verso de Manoel de Barros na epígrafe desta seção nos auxiliará a propor um fechamento deste trabalho, e ousamos colocá-la por um instante no tempo verbal do passado, tempo este qual elegemos neste estudo, para poder reafirmar: “Ah como é bom a gente ter tido infância”, para que então, possamos acrescentar – e, é por ter vivido uma infância que temos tantas memórias e tantas histórias para contar. Há tanta infância ainda viva num passado para rememorar. Há tanto do ‘melhor do conhecimento humano’ que vem da infância como dito pelo poeta, para se estudar, para se aprender e quiçá, reaprender e historiorizar.

---

<sup>8</sup> Menção aos versos de Manoel de Barros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Cláudia Ximenez; SILVA Marilda da; OLIVEIRA, Paula Ramos de. Memória, Infância e Brincar em Escritos De Walter Benjamin: Cultura Lúdica, Processo De Formação e Prática Docente. Congresso Ibero-americano de Educação. Unesp: São Paulo, 2011. **Anais**. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/5000-12131-1-SM.pdf> Acesso em 07-09-2015.

ARAÚJO, Rodrigo da Costa. **Centelhas do interstício: Poesia, fragmento e infância em Manoel de Barros**. Evidência, Araxá, v. 11, n. 11, p. 157-170, 2015

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. Obras Escolhidas V. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Políticas Nacionais de Educação Infantil**. Brasília, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de: Maria de Lourdes Menezes, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**.v.1, 4ª ed. Petrópolis: Editora Vozes. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, 1998.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. 2ª ed. São Paulo: Artmed, 2012, 384 p.

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Revista Estudos de Psicologia**, n.7 (2), 371-378, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf> Acesso em 13-09-2015.

- KRAMER, Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. (Orgs.). **Infância, educação e direitos humanos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- KUHLMANN JR., M., FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L. M.(Org.). **A infância e sua educação**: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.15-33.
- LINHARES, A. R. F. Memórias inventadas: figurações do sujeito na escrita autobiográfica de Manoel de Barros. 2006. **Dissertação (Mestrado)** – Programa de Pós-Graduação em Letras, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.
- MARTINS, B.; TRIMARCO, C.; DIEGUES, D. Três entrevistas de uma vez com o poeta aniversariante Manoel de Barros. **Caros Amigos**. São Paulo, n. 117, dez. 2006. P.29-33. Entrevista.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (Séculos XIX e XX)**. Revista Anos 90, Porto Alegre, n° 4, dezembro de 1995.
- ROHDEN, Josiane Brolo. A Reinvenção da escola: História, Memórias e Práticas Educativas no período Colonizatório de Sinop-MT (1973-1979). **Dissertação (Mestrado em Educação)**. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT, Cuiabá, 2012.